

TRABALHADORAS DOMÉSTICAS QUE LAVAM, PASSAM, COZINHAM E ESCRIVEM: A ARTE DA PALAVRA MANUSEADA PELAS DOMÉSTICAS

Gabriela Maria Vieira dos Santos¹

Lisandra Espíndula Moreira²

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Acordar, tomar café, pegar o ônibus. O sol nasce. Limpar. Varrer. Cozinhar. Lavar. Passar. Cuidar. Servir. O sol se põe. Pegar o ônibus, jantar, cuidar da casa, dormir. Ou: Acordar, tomar café, “Bom dia, Dona Martha, esse final de semana vou ver minha família, tá bom?”. Limpar. Varrer. Cozinhar. Lavar. Passar. Cuidar. Servir. Jantar, dormir. Esses dois cenários de repetição e de ações de servir dizem de como a branquitude entende as trabalhadoras domésticas enquanto máquinas de trabalho (Porfírio, 2019), que por fazerem um serviço braçal não produziram conhecimento. Mas e se inseríssemos mais um verbo na rotina dessas mulheres? o ESCRIVER. Quais seriam os registros que essas mulheres gostariam de relatar sobre seus cotidianos? A partir dessa inquietação e lendo obras escritas por trabalhadoras e/ou familiares desejo neste trabalho compreender quais são e como se dão as políticas de escritas desenvolvidas por essas mulheres.

Autoras como Eliana Alves Cruz, Triscila Oliveira, Eliane Marques, Lília Guerra, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Françoise Ega e Preta-Rara já respondem algumas das perguntas colocadas anteriormente. Isso porque elas escreveram histórias que colocam as trabalhadoras domésticas como protagonistas e questionadoras de suas próprias experiências. Algumas utilizam de lembranças vividas enquanto *doméstica* e outras enquanto alguém que observava e acompanhava alguma familiar. Algumas utilizam de escrevivências, autobiografias, relatos, cartas, diários, HQs, dentre outros, ou seja, cada escritora constrói uma escrita muito singular. Logo, essas mulheres estão construindo o que algumas psicólogas feministas chamam de políticas de escrita, que seria escrever buscando romper com uma lógica hegemônica de neutralidade, sendo necessário um engajamento em procurar formas de falar de si, evocando outras (Oliveira et al., 2019). Em complemento a isso, como pontuam Aline Kelly Silva, Simone Hüning e Jaqueline Tittoni (2024), é um processo de escrever que se desenvolve através do sentirpensar com o estômago, fígado, pulmões e coração, ou seja, uma escrita

¹ Mestranda em Psicologia pela UFMG. gabriela.mv.santos@gmail.com

² Docente no programa de pós-graduação de Psicologia UFMG. lisandra.ufmg@gmail.com

visceral. Há, assim, o interesse de contar narrativas de pessoas que são fraturadas pela história colonial, essa última que visa dominar e sustentar uma lógica de exploração por meio do discurso.

Em complemento a essa dimensão, é importante refletir como a literatura é algo significativo para pensar a formação de pensamento intelectual das mulheres negras. Para embasar esse argumento recorro a Patricia Hill Collins (2019) que explica como uma vez que mulheres negras são excluídas dos processos formativos de educação, não acessando altos graus de escolaridade, ainda assim produzem conhecimento e de forma diferente do convencional. Ou seja, literatura, música, cultos, artesanatos dentre outras manifestações culturais, simbolizam o que esse grupo compreende da sociedade que está inserida. Dessa forma, podemos perceber como o conhecimento produzido por mulheres negras, parte de suas vivências e opressões para conceber maneiras de sobreviver e opor à injustiça social.

Escrevo esse trabalho a partir de reflexões da pesquisa de mestrado que estou desenvolvendo junto com a minha orientadora. Dentre os diferentes objetivos da pesquisa, me interessa também compreender a estética que essas obras possuem, pois como coloca Beatriz Nascimento (1976/2022) no contexto das artes “forma é conteúdo” (pág. 47). Dessa maneira, nas próximas sessões pretendo refletir as especificidades da escrita de algumas obras e como “forma e conteúdo” se relacionam.

METODOLOGIA E MATERIAIS

Para pensar a escrita de trabalhadoras domésticas e/ou suas familiares, nesta apresentação, recorro a três ficções: Solitária, de Eliana Alves Cruz (2022); Os Santos, de Leandro Assis e Triscila Oliveira (2023); Um céu para os bastardos, de Lilia Guerra (2023). Solitária é um romance que foi escrito por Eliana Alves Cruz publicado em 2022 pela editora Companhia das Letras. Conta a história de uma trabalhadora doméstica que enfrenta o desafio de desobedecer a sua patroa ao ter que denunciar a filha dessa, sendo desenvolvidos temas como: trabalho doméstico análogo a escravidão, pandemia de Covid-19 e direitos sexuais reprodutivos. Os Santos é uma obra em formato de tirinhas de humor (HQ) elaborada por Leandro Assis e Triscila Oliveira foi publicado em 2023 pela editora Todavia. Nesta narrativa acompanhamos uma família de trabalhadoras doméstica prestando serviços para diferentes membros de uma mesma família, o enredo se desenvolve por apresentar situações de lavagem de dinheiro, abusos morais e problemáticas da estrutura da família patriarcal burguesa. Um céu para os bastardos é um romance escrito por Lilia Guerra foi publicado em 2023 pela editora Todavia. Nesse romance acompanhamos a protagonista, Sá Narinha, que é uma mulher periférica e seu cotidiano como mãe solo e trabalhadora doméstica, a construção do território

faz com que percebemos uma noção de periferia não apenas como um lugar de faltas, mas um espaço que contempla diferentes saberes.

Neste trabalho a ideia é ler entre as Fronteiras, uma concepção elaborada por Gloria Anzaldúa (1990/2021) que diz de como existe a leitora de rua e a leitora acadêmica, a primeira sendo aquela que pode “ler” as situações sociais que lhe cercam diferentemente da acadêmica, que busca abstrair e sem conectar com a realidade, constrói uma teoria aplainada. Estar nas Fronteiras seria conseguir permear pelos dois caminhos e ainda *brincar* com as lacunas que as autoras possam ter deixado nas obras. Logo, destaco duas experimentações da leitura das obras, que serão as categorias de análise do trabalho, uma no qual o recorte é entender como a estética das obras lidam com “quartinho da empregada” e depois como se apresenta o “escrever como se fala”. A metodologia se sustenta, ainda, na concepção de beleza que Christina Sharpe (2024) e Saidiya Hartman (2020) trazem de como essa seria uma estratégia para escapar da violência. O uso do belo, a forma de manusear as palavras, partindo de um cotidiano de invisibilidades faz com que aquela situação dada como natural, seja minimamente questionada para quem lê e reorganizada para quem escreve.

EXPERIMENTAÇÃO I – E SE O QUARTINHO FALASSE?

A obra de Eliana que é dividida em três partes, sendo a primeira narrada pela filha da trabalhadora Eunice, chamada Mabel, a segunda é narrada pela perspectiva da própria Eunice e a última pela arquitetura que essas mulheres ocupam (mãe e filha). Gostaria de focar nessa última, uma vez que traz um exercício imaginativo diferente:

Levei um tremendo susto quando ouvi a voz de Eunice na cozinha. Quanto tempo! Minhas paredes tremeram, pois foram muitos anos velando o sono dela e de sua filha Mabel. Sei que eu, no fundo, não era um quarto. Eu era uma solitária. Exatamente. Uma prisão, um lugar destinado a apartar do mundo e do restante dos viventes. (Eliana Cruz, 2022, pág. 139).

Eliana ao construir um trecho da narrativa a partir do ponto de vista do quartinho de empregada traz um observador que não é “ingênuo” para história. O quartinho da empregada historicamente e socialmente é um espaço que assim é apresentado na citação que diferente dos demais cômodos de uma casa, isola a trabalhadora e seus pertences do resto da casa. Quando não estão trabalhando, as mulheres que moram nas casas de seus patrões, ficam no quartinho, lugar que deveria ser de descanso, mas pelo próprio formato não se torna algo nesse sentido. Como complementa Lília Guerra a essa noção:

Gerda nunca reparou na única coisa que desvio da casa. Os livros que moram no escritório do falecido. Cada título tão bom! No quarto de empregada não tem televisão. E eu não faço questão. Leio até pegar no sono. Troquei a lâmpada desmaiada que Gerda fornece para o abajur por outra, que ilumina bem mesmo. É assim que ela se realiza. Certa de que a lâmpada do abajur que fica no quarto de empregada consome pouca energia. Não demonstra a mesma preocupação com os outros cômodos do apartamento. Há um pequeno banheiro no quartinho. O chuveiro

é antigo e os furos por onde caem os pingos estão quase todos obstruídos. Reclamei e ela fez ouvido de mercador, satisfeita por saber que pouca água é investida no banho da criada. Trato de trancar a porta todas as noites, para que ela não me surpreenda e para que a claridade não chame a sua atenção (Lília Guerra, 2023, pág. 28).

As duas autoras auxiliam imaginar o que seria um quarto de trabalhadora doméstica e constroem uma contraescrita (Rosemary Oliveira, Késia Rocha, Érika Oliveira; 2021), fazendo que nós, enquanto leitoras, possamos pensar o que seria o cotidiano dessas mulheres para além dos binarismos e fragilidades que a escrita acadêmica as coloca. Há a sensibilidade de ora colocar o quartinho como aquele que a observa e ora a empregada que sente e se coloca nesse espaço.

Já na obra “Os Santos” a figura do quartinho aparece sem em uma única imagem parte da charge e com o foco no rosto da trabalhadora doméstica, como ilustra a imagem 1. Nesta especificamente, com o recurso do desenho, o quartinho da empregada é colocado após a área de serviço. A trabalhadora deitada em sua cama, escuta a conversa dos empregadores que demonstra a ironia e contradição das classes sociais, enquanto sua patroa a ridiculariza por estar grávida e recusa dar a licença maternidade completa, após a trabalhadora sair de cena, conversa com seu marido sobre uma viagem internacional com sua nora que também está grávida.



Imagem 1 – trecho da obra Os Santos

EXPERIMENTAÇÃO II- ESCREVER COMO SE FALA

Camila Sosa Villada (2024) tenta fazer a sua literatura a partir da palavra falada, por mais que falar e escrever carreguem prazeres diferentes. Pensar uma escrita que envolva a fala, é conseguir escrever aquilo que será proferido. Nas narrativas literárias de trabalhadoras domésticas é possível observar como as palavras também são pensadas a partir da fala:

Teve um dia em que foi escalado para uma correria das grandes. Transporte. Cagueteram. Troca de tiros. Deram baixa no Naquim. Jurema ficou sozinha com quatro pequenos. Além de Kátia, vieram gêmeos. Em seguida o caçula, que não tinha nem um ano quando tudo aconteceu. Eles a encurralaram, assegurando que Naquim era guardador de uma grande quantia que devia ser repartida. Jurema tinha de passar a fita, abrir a boca e contar onde o marido havia enrustido a grana. (Lília Guerra, 2022, pág. 44).

Lília Guerra utiliza a língua de uma forma muito vívida, os grifos que realizei na citação dizem de gírias do território que ela circula. Algo que me lembra as discussões feita por bell hooks (2013) quando ela diz do “vernáculo negro” e seus usos como uma língua fronteira, que incomoda quem não conhece, uma vez que não pode ser dominada. As gírias como “correria”, “caguetar”, “dar baixa”, “passar a fita”, “grana” muitas vezes são usadas por jovens negros no Brasil, formando um dialeto próprio. Eu até poderia tentar traduzir para vocês, cada palavra, mas como estamos em um processo de leitura que envolve as nossas posicionalidades, deixo a pergunta: você leitora sabe os significados?

Com a obra “Os Santos” por ela ser no formato HQ (história em quadrinhos), temos diálogos constantemente e os cenários/contextos em desenhos. Dessa forma, é um material que o diálogo, a fala é colocada constantemente. Ou seja, a matéria prima dos autores é pensar como a sociedade em que estão inseridos reproduz essas falas, que se materializa nas gírias, mas também nos traquejos, sotaques, maneirismos, jargões, entre outros traços que pertencem aos personagens que querem representar.

Pensar a vivacidade da língua nessas histórias selecionadas é articular também um elemento que Lélia Gonzalez chama de “pretuguês”, esse caracterizado pela influência que a língua portuguesa sofre ao ter contato com os povos africanos, tornando-se outra: o pretuguês. A principal influência é a troca da consoante “l” pela “r”. E embora seja algo muito ridicularizado pela branquitude, ainda assim essa o utiliza sem perceber, sendo essa utilização introduzida principalmente pela figura da trabalhadora doméstica. Como coloca Lélia, é a empregada que fazendo a função de “mãe” ensina aos filhos do patrão o pretuguês. Na obra Solitária (Eliana Cruz, 2021), não há essa colocação explícita, mas podemos imaginar por meio de um exercício de contrafabulação a relação de Eunice (doméstica) e Camila (filha da patroa de Eunice) como a primeira pode ter educado a outra. Afinal para Eunice, em determinados momentos da trama, ela pensa Camila como uma segunda filha, pois a viu nascer, os primeiros passos dentre outras coisas. Fico imaginando, que embora Camila não trate a filha de Eunice bem e não demonstre amor e carinho de maneira recíproca, ainda assim, Eunice foi capaz de transmitir algo de sua cultura.

NOTAS FINAIS

Em “Desobediências epistêmicas e pesquisas monstruosas em psicologia social” escrito por Érika Oliveira, Maria Laura Bleinroth e Yasmin Maciane Silva (2021), as autoras dizem que abrem mão das conclusões e considerações finais e fazem um convite: “convocamos nossas (os) leitoras (es) para a inclusão das ideias que aqui trazemos, para que contem outras, para que encontrem dentro de si mesmas (os), suas próprias monstruosidades” (pág. 29). Aceito a

convocação ao momento que decido escrever um texto como o que escrevi junto com a minha orientadora e que vocês acabaram de ler. Mas quero replicar a métrica que essas autoras usaram e abrir mão das conclusões que cheguei até o momento com as minhas leituras, desejo que quem me lê possa agora *sentirpensar* a partir das escritas de trabalhadoras domésticas e/ou suas familiares. Não concluo, mas deixo aberturas para um início. E que forma melhor de fazer isso do que senão por meio de perguntas? Deixo aqui algumas para vocês refletirem nos seus cotidianos: que histórias a *tia da faxina* poderiam nos contar? Quem é essa mulher que prepara a minha comida no *bandeco*? Quais os sonhos da mulher que limpa o meu laboratório de pesquisa?

Palavras Chaves: políticas de escrita, feminismo negro, trabalho doméstico.

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Gloria. **A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios**. Rio de Janeiro: A Bolha Editora. 2020
- ASSIS, Leandro, OLIVEIRA, Triscila. **Os Santos**. São Paulo: Todavia. 2023.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro**. 1 ed. São Paulo: Boitempo. 2019.
- CRUZ, Eliana Alves. **Solitária**. São Paulo: Companhia das Letras. 2022.
- EVARISTO, Conceição; JESUS, Vera Eunice de. Outras letras: tramas e sentidos da escrita de Carolina Maria de Jesus. In: JESUS, Carolina Maria de Jesus. **Casa de alvenaria volume 1**: Osasco. São Paulo: Companhia das Letras. 2021.
- GONZALEZ, LÉLIA. Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher. In: RIOS, Flavia; Lima, Marcia. **Por um feminismo afrolatino americano**. São Paulo: ZAHAR. 2020.
- GUERRA, Lilia. **Um céu para os bastardos**. São Paulo: Todavia. 2023.
- HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 12–33, 2020. DOI: 10.29146/eco-pos.v23i3.27640. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640. Acesso em: 9 jun. 2025.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2013.
- OLIVEIRA, ÉRIKA Cecília Soares; ROCHA, Késia dos Anjos; MOREIRA, Lisandra Espindula; HÜNING, Simone M. “Meu lugar é no cascalho”: políticas de escrita e resistências. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, p. 179-184, 4 set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/29043>. Acesso em: 6 jun. 2025.
- OLIVEIRA, Rosemary R. DE; ROCHA, Késia DOS A.; OLIVEIRA, Érika C. S.. Contraescritas feministas: educação das meninas de pedra. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, n. 2, p. e77563, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/5rqGZj8JNm86swjTKQLvhQw/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 09 de jun. 2025.

SILVA, Aline. K. DA .; HÜNING, Simone. M.; TITTONI, Jaqueline. Uma epistemologia feminista de corpo inteiro na pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, v. 36, p. e277599, 2024. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/FYbLHYtgChVrMMPxkHFHGhQ/>. Acesso em: 09 jun. 2025.

SHARPE, Christina. **Notas Ordinárias**. São Paulo: Fósforo. 2024.

VILLADA, Camila Sosa. **A Viagem Inútil**: (trans) escrita. São Paulo: Fósforo: 2024.